

Crônica de uma tragédia trabalhista anunciada: os mineiros do Chile

Else R. P. Vieira*

Para Elba, minha irmã, com admiração e reconhecimento pelo apoio nas horas difíceis

RESUMO:

Como contraponto à ênfase no resgate e à sua codificação como um capítulo nobre da história política do Chile pela mídia internacional em 2010, o artigo analisa as narrativas dos próprios mineiros sobre suas estratégias de sobrevivência em situação de confinamento extremo, os processos de sua memória pós-traumática e perspectivas profissionais um ano após o acidente do trabalho, contextualizando-o no âmbito do neoliberalismo radical implantado no país nas últimas décadas. Utiliza-se como fonte de depoimentos o livro *Os 33* (J. Franklin, 2011) e documentários, sobretudo *Los 33: con los pies en la tierra* (J. Cabezas, 2011).

Palavras-chave: Mineiros do Chile. Acidente do trabalho. Narrativas subjetivantes. Trauma e processos pós-traumáticos. Neoliberalismo.

*Qual a relação entre o trauma psíquico individual e as representações culturais do evento traumático? [...] O que ocorre quando a história do sobrevivente é recontada (e revista) por um escritor que não é um sobrevivente?*¹ Kali Tal

A relação entre memória traumática e narrativa, estabelecida pelas palavras em epígrafe de Kalí Tal (1996, p. 3), *inter alia*, ancora o presente artigo na sua análise dos depoimentos dos próprios mineiros chilenos sobre sua experiência de confinamento, bem como sobre os processos de sua memória pós-traumática. O artigo oferece, assim, um foco distinto do da mídia internacional, que codificou o emocionante resgate dos mineiros em 2010 como um capítulo nobre da história política do país. Ao potencializar a transmissão, ao vivo, para um bilhão de espectadores através do globo, do resgate em si, a cobertura midiática obscureceu a tragédia trabalhista e as expressões dos próprios trabalhadores sobre o trauma. A tragédia, considerada a maior da história da mineração do mundo, ocorreu em 5 de agosto de 2010, quando uma pedra de setecentas toneladas bloqueou a única saída para os trabalhadores da mina San José, propriedade da companhia mineradora privada San Esteban. O mundo acompanhara, anteriormente, sensibilizado, o cotidiano da inegavelmente exitosa “Operação São Lourenço”, em homenagem ao santo padroeiro dos mineiros, e seu coroamento com a saída de todos com vida. Mas permaneceu uma lacuna em torno das expressões dos mineiros sobre sua angustiada experiência de permanecer durante 69 dias em situação de confinamento extremo, a 700 metros de profundidade, em local conhecido na mina por refúgio de segurança, um buraco de cinquenta metros quadrados com brutas e irregulares paredes de pedra, cujo acesso até à superfície perfaz seis longos quilômetros de túneis em zigue-zague.

O artigo obteve os testemunhos dos mineiros de duas fontes principais. Uma delas é a tradução para o português do livro *The 33: The ultimate account of the Chilean miners' dramatic rescue*, de autoria do jornalista britânico radicado no Chile, Jonathan Franklin², intitulada *Os 33: a milagrosa sobrevivência e o dramático resgate dos mineiros do Chile* (doravante *Os 33*), que foi lançada um ano

após as operações de resgate. Nas primeiras palavras do livro, mais especificamente no espaço editorial por excelência da orelha, de acentuado foco no público leitor, ao discorrer sobre a gênese da obra, o editor revela o acesso que Franklin teve à autoexpressão dos mineiros em entrevistas, vídeos e formas subjetivantes da escrita, como seus diários dentro da mina e mensagens enviadas aos parentes³. Tal acesso permitiu a ele redirecionar o foco, em parte, do resgate para o drama dos 33 no fundo da mina e, paralelamente, opor-se à superfiliada da cobertura pela mídia internacional⁴.

O artigo se vale também de outra fonte, o documentário *Los 33: con los pies en la tierra. La vida después del rescate* (doravante *Los 33: con los pies en la tierra*), dirigido por Jorge Cabezas, levado ao ar pelo Canal 13 um ano após a chegada à superfície da histórica mensagem do mineiro José Ojeda, “*Estamos bien en el refugio los 33*”, confirmando que, no décimo-sétimo dia de confinamento, os mineiros ainda estavam com vida. Fontes suplementares incluem dois outros documentários. Um deles, *Los 33 mineros rescatados en Chile: un año después* (doravante *Los 33 mineros rescatados*), dirigido por José Zepeda para a Radio Nederland Internacional, se propõe a focalizar, um ano mais tarde, o drama vivido pelos mineiros soterrados e seus familiares. O outro documentário, *Sobreviviendo a la minería en Chile* (doravante *Sobreviviendo a la minería*), dirigido por Verónica Insausti para a Telesur, estabelece um movimento dialético entre agentes e vítimas, empreendedores e trabalhadores e respectivos órgãos de classe.

O livro e todos os documentários, posteriores ao resgate, instauram uma descontinuidade histórica entre o calor dos eventos e a produção dos textos, o que permite o acesso a novos dados e, conseqüentemente, outras trilhas analíticas, incluindo a revisão do processo de transformação de vítimas em heróis e do que, sugere-se, pode ser uma estratégia política de autopromoção do Presidente Piñera.

Observa-se, também, que o livro e dois dos documentários retiram o mote de seus títulos da mensagem histórica de Ojeda, que designa os mineiros não pela profissão mas metaforicamente através do número 33, alusivo à idade de Cristo quando de sua morte e ressurreição. O livro, em especial, confere grande destaque e autoridade ao título *Os 33*, que ocupa metade da capa que, segundo Céline Zins, é o objeto representativo da obra (1985, p. 41), ao que acrescento ser ela, por ocupar a posição estratégica inicial, o elemento de maior exponibilidade ao público. A inflexão religiosa é adensada pela anteposição, no subtítulo, do adjetivo “milagrosa” ao substantivo “sobrevivência” (*a milagrosa sobrevivência e o dramático resgate dos mineiros no Chile*).

O artigo sugere que as alusões à experiência arquetípica de morte e ressurreição de Cristo oferecem aos mineiros um meio de traduzir em linguagem comunicável o inefável da experiência traumática bem como os momentos epifânicos de ressurgimento da possibilidade de vida. O artigo traz a lume, então, outros elementos da simbologia cristã nos discursos dos mineiros e nas suas cosmovisões diante da iminência de morte. O artigo registra, ademais, nas narrativas dos mineiros, traços do *canto a lo divino* e do *canto a lo humano* cultivados pela poeta e intérprete chilena Violeta Parra, a partir de sua convivência direta com “*el canto de todos, que es mi propio canto*”, expressivos do sofrimento do povo como também da celebração da vida (PRING-MILL, 1990, p. 22, 49).

O artigo demonstra, também, que o religioso e o lírico coexistem com um discurso de classe dos mineiros durante o período de confinamento que, argumenta-se, constroem os fios da narrativa de uma tragédia trabalhista anunciada. Os depoimentos dos mineiros serão, então, relacionados à precarização do trabalho, ao desempoderamento dos sindicatos e à ausência do Estado nas questões laborais, sob a égide do radical modelo econômico neoliberal implementado no Chile nas últimas décadas. Num eco de Benjamin, o artigo sugere, todavia, que a “agency” dos 33 dentro da mina – ou seja, na acepção de Giddens, sua capacidade de intervir nos eventos e transformá-los (1985, p. 7) – foi como um rio submerso de história de ativismo trabalhista que veio à superfície e lhes assegurou a sobrevivência numa situação limite.

A foto de cada um dos mineiros aparece em branco e preto na contracapa e, em cores e maiores, no encarte do livro *Os 33*, o que sugere um gesto de empoderamento dos mineiros por parte do autor⁵. Tal individualização e foco invertem a centralidade da imagem do Presidente Piñera ao anunciar, em cadeia nacional, que os mineiros estavam vivos, ou mesmo sua heroificação oblíqua ao dividir o espaço de tela com cada um dos mineiros ao saírem da cápsula. Franklin, além de “apadrinhar” os mineiros, estabelece com eles uma relação empática. Seus agradecimentos, colocados ao final do livro, registram sua gratidão aos mineiros pelas informações fornecidas. Fugindo ao *topos* da autovalorização oblíqua comum aos agradecimentos, ele reafirma sua empatia com os 33 ao agradecer também ao pai, por ter nele “embutido um espírito de sobrevivência e resistência” (FRANKLIN, 2011, p. 282)⁶. Os mineiros também habitam o espaço polifônico do livro que se constrói, em algumas partes significativas, como um mosaico de citações de cada um deles, pois o repórter falou com todos. Sua prioridade, no entanto, não é explicitar a fonte em cada citação, mas reconstruir a memória da experiência no seu cotidiano e a difícil ordenação cronológica dos fatos, pois os mineiros perderam as coordenadas do tempo durante o confinamento.

O documentário *Los 33: Con los pies en la tierra*, começa com uma imagem da entrada da mina agora vazia, tendo como fundo uma música dramática, com sons de possantes instrumentos de percussão sugerindo estrondos consecutivos. A primeira voz e a primeira face no documentário são do mineiro Mario Gómez, o mais velho de todos, que, durante um longo *close up* ocupando toda a tela, fala dos seus sentimentos na hora do desabamento da mina: “*En ese momento pensé que yo llegaba hasta ahí no más*”. O foco na experiência sob a perspectiva dos mineiros se confirma com a próxima tiragem, um *close up* de Ojeda, que diz, “*Lo que se vivió allá abajo fue bien duro*”. Dentro da edição rápida do documentário, a cena seguinte oferece um breve lance da cápsula Phoenix chegando à superfície, seguida do depoimento de Mario Sepúlveda, o mais midiático de todos, que sugere a impunidade gerada pelo resgate de todos com vida: “*Había que sacar un par de viejos muertos para que a estos señores los condenen. Listo, no hay cárcel*”. Após essa imersão do espectador no mundo dos mineiros é que aparece a apresentadora Pilar Rodríguez que contextualiza o documentário no primeiro aniversário da chegada da mensagem de vida de Ojeda, momento em que os homens começam a escrever a história que comoveu o mundo. Rodríguez explicita, também, o propósito do documentário de destacar a reflexão de quatro dos mineiros sobre a experiência – os já citados Gómez, Ojeda, Sepúlveda e um quarto, o mais jovem de todos, Jimmy Sánchez, à época com 19 anos. Em seguida, a reportagem acompanha os mineiros, no apogeu de sua fama que sucedeu ao resgate, percorrendo o mundo. Nos Estados Unidos, a CNN projeta os mineiros como heróis, visitando a ONU, a casa de Elvis Presley e Disneyworld, onde dão autógrafos à multidão ao seu redor.

O espírito de aventura que informa suas imagens também na Alemanha contrasta com os relatos realistas intercalados, como o de Ojeda, de que eles passavam três a quatro noites sem dormir. O diretor Cabezas coloca imagens em conflito sequencialmente – os mineiros sendo recebidos como celebridades quando de suas viagens a vários países e, após as imagens de cada cidade, seus depoimentos individuais sobre o trauma ou, outras vezes, seus silêncios ou simplesmente lágrimas quando eles esbarram no inefável. Sánchez, a princípio, não consegue traduzir suas emoções e percepções do trauma em linguagem comunicável. Mas os elementos do trauma retornam insistentemente, sob a forma de *flashbacks*, pesadelos e outros fenômenos repetitivos (CARUTH, 1996, p. 91). Ele faz várias referências ao fato de não conseguir dormir, assolado que é por terríveis pesadelos (LOS 33, 2011). O artigo sugere, então, que a edição em paralelo de duas ações relacionadas mas ocorrendo em tempos distintos – as imagens das viagens dos mineiros alternando com seus pungentes depoimentos sobre o choque do desabamento e da iminência de morte – dramatiza o retorno do trauma, posteriormente,

levando o espectador a explorar os complexos processos da memória pós-traumática, caracterizada pela repetição involuntária, após o acidente, da experiência que a mente não processa no momento de sua ocorrência (CARUTH, 1996, p. 11, 91).

O trauma, as figurações religiosas, o lírico e a celebração da vida nas narrativas dos mineiros

O mineiro Luis Urzúa, o chefe de turno, confirma a impossibilidade de assimilação pela mente do acidente traumático, por ocorrer subitamente, como foi o desabamento da mina: “Nós tentamos escapar desse inferno [...] Foi um dia terrível [...] Era como se toda a montanha tivesse caído em cima da gente, e não sabíamos o que tinha acontecido” (FRANKLIN, 2011, p. 139).

O trauma em si, classicamente definido como além da simbolização através da linguagem, não se apresenta, a princípio, como elemento da narrativa de Gómez. Em alguns momentos ele chora e sua palavra cativa na garganta, nos termos de Sarah Kofman, revela a impossibilidade da narrativa diante da natureza inassimilável do trauma (1987, p. 15-16). Mais tarde, a expressão se manifesta na abordagem de outros temas, como o dever que lhes cabia de lutar pela vida, pois acima havia 33 famílias (cuja agonia da espera, a propósito, é dramatizada no documentário *Los 33: Con los pies en la tierra* pelo recurso a imagens projetadas em câmera lenta). Com base em Caruth, sugere-se que o afastamento do local do trauma foi uma forma de liberdade que permitiu que Gómez, mais ao final, articulasse a expressão (1996, p. 23). A viagem à Terra Santa, foi a que mais o marcou. O que se infere é que ela propiciou a ele a imersão numa história maior e o compartilhamento da experiência arquetípica de morte e ressurreição de Cristo. Ele engasga um pouco mas chega a declarar que a viagem foi como estar no lugar exato onde nasceu Jesus Cristo; lá se imagina também estar dentro do Sepulcro (LOS 33, 2011). O “renascimento” da sua palavra, portanto, ocorreu aos poucos, fora do contexto histórico e geográfico do trauma e, indiretamente, através da simbologia cristã.

Vários dos topos usados pelos mineiros, de certa forma, remontam à problemática verbalização do trauma. Ojeda se refere figurativamente ao momento do desabamento, deslocando o sofrimento emocional intenso para um correlato objetivo: “Ouvimos aquele som, eu não saberia descrever [...] Foi terrível, como se as pedras gritassem de dor” (FRANLKIN, 2011, p. 33). A montanha, como eles, sofre pela escavação desordenada. Uma outra personificação foi usada pelo mineiro Osmán Araya, que trabalhara também no turno da noite às vésperas do desabamento; segundo ele, a montanha “chorara” durante toda a noite (FRANLKIN, 2011, p. 26). Sob outra perspectiva, a personificação das pedras e da montanha revela a ligação visceral dos mineiros com a mina. Segundo Kublock, na cultura trabalhista do Chile, a mina acaba governando as vidas dos trabalhadores, que frequentemente afirmam sua dignidade e masculinidade pela conquista daquela presença antagônica e ameaçadora através da força física, do trabalho árduo e seus altos salários relativamente a outros trabalhadores chilenos (1998, p. 382-83).

Os olhos fantasmagóricos dos mineiros, saltando para fora de corpos reduzidos a uma magreza esquelética, são mostrados quando a imagem chega ao refúgio. Ojeda relata que a água era tão repulsiva que ele bebia a própria urina, pois “sabia que Los Uruguayos tinham feito o mesmo” (FRANKLIN, 2011, p. 96). “Los Uruguayos” era uma forma oblíqua de se referirem ao seu maior medo, o de serem forçados a comer uns aos outros, como os uruguaiois que caíram nos Andes chilenos em 1972 (FRANKLIN, 2011, p. 96). O sofrimento físico da fome dos mineiros era mitigado pela fantasia. Alguns dos mais jovens, menos experientes em minas, começaram a entrar em pânico. Sánchez, o mais jovem de todos, passou a ter alucinações. Ele imaginava sua mãe chegando para visitá-lo no interior da mina, e em seus sonhos, ela trazia *empanadas* (FRANKLIN, 2011, p. 68).

A fantasia é uma das estratégias alternativas de sobrevivência por eles desenvolvidas, de acordo com Alberto Iturra, coordenador da equipe de psicólogos em terra, que também enfatiza sua resiliência:

En lo emocional, tuvieron que aprender a vivir con eso y saber que, a partir de su esperanza, podían mover emociones positivas y así ellos jugaban, por ejemplo, imaginarse que ellos conseguían maneras de alimentar su mente y sus emociones hacia el lado positivo [...] Era mentira, pero se lo contaban unos a otros, siempre inventando grandes mezclas de platos culinarios y imaginar que estaban allí disponibles para ellos pero que ellos les rechazaban [...] Muchos chistes, mucho sentido del humor (LOS 33, 2011).

A morte iminente também leva os mineiros a recorrer ao transcendente e a um sistema místico como estratégia de sobrevivência:

Ellos, en los primeros 17 días, se enfrentaron solo con la muerte y no tuvieron otra cosa que, en el terror que el miedo produce a nivel cerebral, neurológico, emocional y espiritual, encontrar la alternativa para sobrevivir [...] La primera cosa que nosotros encontramos fue una tremenda capacidad de resiliencia de donde ellos fueron desarrollando alternativas de sobrevivencia en distintos ámbitos: en lo espiritual, con un sistema místico, un encuentro profundo con la intimidad espiritual. Algunos de ellos dicen que se encontraron con Dios, otros que se encontraron con el demonio, un cuadro que me parece absolutamente real para la situación (LOS 33, 2011).

Sepúlveda tem uma visão do demônio, com o qual dialoga em momento significativo no qual dramatiza o iminente apagamento de sua vida, re-encenando a experiência anterior de um colega de amputação do corpo:

Eu costumava rezar num lugar bem isolado, o mesmo local onde Gino Cortés perdeu a perna. Numa dessas vezes, eu rezava bem alto quando uma grande pedra desabou do meu lado. Eu sabia que não tinha sido Deus, mas o Demônio. Ele fora até lá por mim. Todos os pelos do meu corpo ficaram eriçados” (FRANKLIN, 2011, p. 104-105).

Uma outra alternativa era a aceitação da morte. Diz Iturra:

Tuvieron que cuidar ese tremendo pánico, terror que se enquista en el cerebro tan violentamente y que se marca en el cuerpo como un miedo, miedo puro, porque la muerte estaba allí, día a día, minuto a minuto, y ellos tuvieron que enfrentarla y jugar con esa muerte y hacerla su amiga y desde allí sacar la energía necesaria para la vida (LOS 33 MINEROS, 2011).

Franklin cita textos significativos da aceitação, pelos mineiros, “da morte como amiga” naquele contexto de sofrimento e desesperança limites. Diz o mineiro Alex Vega: “Muitos homens decidiram morrer. Começaram a escrever cartas de despedida” (FRANKLIN, 2011, p. 109). Um outro, Raúl Bastos escreveu à sua mulher: “Aqui embaixo, a gente quase desmaiou. Eu rezava e pedia por todos nós, caso a morte chegasse, que reagíssemos bem” (FRANKLIN, 2011, p. 103). A estratégia mobilizada por Sepúlveda foi a aderência a uma identidade de classe que se transforma em escudo contra a adversidade (um ponto que se retoma adiante). Em momento marcante, ele começa a preparar seu ritual de morte reafirmando sua identidade de classe:

Estávamos na antessala da morte. Eu esperava por ela e estava tranquilo. Sabia que a qualquer momento as luzes se apagariam e seria uma morte digna [...] Preparei meu capacete, minhas coisas, vesti o cinto e arrumei as botas. Queria morrer como um mineiro. Caso me encontrassem, o fariam dignamente, com a cabeça erguida” (FRANKLIN, 2011, p. 109).

Um momento epifânico ocorre quando a escavadeira logra perfurar o bloco de pedra de toneladas. O documentário *Los 33 mineros rescatados en Chile*, que enfoca o cotidiano pré-resgate, demonstra a criatividade e agilidade dos chilenos em terra que desenvolveram tecnologias emergenciais, como a sonda *paloma*. Os que estão do lado de fora celebram a superação do drama da incomunicabilidade, que revela que eles ainda estão vivos. Mas os mineiros aprisionados revestem a irrupção da *paloma* no refúgio de um significado espiritual. Diz Sánchez que sua chegada foi um milagre, o que reverbera nas palavras de Ojeda que foi algo que veio de cima (LOS 33, 2011).

Tais marcas discursivas remetem à simbologia cristã que acrescenta uma dimensão transcendental à associação secular da ave que designa a sonda (*paloma*) à capacidade de localizar o destino e agilidade no transporte de mensagens. No Velho Testamento, a pomba representa a regeneração da vida após o dilúvio, quando ela retorna à arca de Noé com um ramo de oliveira no bico como evidência de que a terra é novamente habitável; no batismo de Cristo, ela simboliza a descida do Espírito Santo, assinalando uma nova era e o início de um processo de restauração; na iconografia cristã da Anunciação, o espírito é representado por uma pomba branca, a mensageira divina (WERNESS, 2003, p. 143). A *paloma*, além de humanizar a agonia e a desesperança dos mineiros, aplaca as privações e sua fome extrema.

A terna e envolvente canção chilena “Gracias a la vida” é introduzida como trilha sonora do documentário *Los 33 mineros rescatados en Chile*, que recapitula as imagens da equipe de terra, com profunda emoção, retirando da *paloma* a mensagem de vida dos mineiros, a histórica “*Estamos bien en el refugio los 33*”. Nessa canção, Violeta Parra, profundamente identificada com o povo chileno, enaltece a existência do ser humano e seu papel no mundo. Com marcante lirismo, ela expressa sua gratidão pela vida que, apesar de suas penumbras, deu-nos o dom de discernir o bem do mal, a capacidade de escutar sons belos e a nós próprios, o poder da voz e da caminhada e um coração para podermos sentir, rir e chorar. Parra enumera, em cada estrofe, palavras pertencentes ao campo semântico da vida a nível sensorial (respirar, pisar, etc.). Mas é também a materialidade do corpo que permite o encontro do homem com o transcendental. Ao opor os vocábulos “niño” e “Dios” (“*como un niño frente a Dios*”), ela sugere o reconhecimento do ser humano da grandeza e poder divinos que lhe asseguram a vida. Como ressalta Pring-Mill, a celebração da vida se dá também através da repetição estrutural de “*Gracias a la vida*”, no título, nas primeiras linhas de cada estrofe e no final climático da canção (1990, p. 29).

A alma chilena, que Parra soube tão bem expressar, reverbera no lirismo das palavras de Ojeda, traço esse que confirma o estatuto ambíguo, entre o literário e o não literário, dos gêneros voláteis por ele utilizados – a mensagem escrita e os depoimentos pessoais – que percorrem o trajeto do privado ao público através da publicação. Em contraste com o pragmatismo e autopromoção do Presidente Piñera ao ler a mensagem de Ojeda em cadeia nacional, observa-se um lirismo à la Parra nas metonímias usadas por Ojeda ao falar do processo de reaprendizado corporal por eles vivenciado ao serem expostos a um perigo incomensurável e insegurança aterrorizante:

Lo que se vivió allá abajo fue bien duro. Uno tiene que aprender a respirar, a caminar más suave [...] El hombre es un animal de costumbre, si quiere se adapta a las situaciones [...] Quedaron recuerdos ahí, allá abajo. Y hay que dejarlos ahí (LOS 33, 2011).

A tragédia trabalhista anunciada

El día en que lo iban a matar, Santiago Nasar se levantó a las 5:30 de la mañana para esperar el buque en que llegaba el bispo. Gabriel García Márquez

A necessidade econômica fez com que o trabalhador Darío Segovia, o “bombeiro do inferno” que apagava pequenas chamas na mina, comparecesse ao trabalho, a despeito da certeza de que o colapso ocorreria a qualquer momento. É o que aflora no relato de Yessica Chilla, sua companheira:

No dia anterior ao acidente, ele me disse que a mina estava a ponto de sofrer um ajuste, e que ele preferia não estar no turno em que o desmoronamento acontecesse. Mas precisávamos do dinheiro. Seu turno terminara, mas ofereceram horas extras (FRANKLIN, 2011, p. 50).

A certeza do desabamento aumenta horas antes da tragédia, como relata o próprio Segovia: “Antes das onze da manhã, eu sabia que a mina desabaria, mas eles nos enviaram para colocar redes de reforço. Nós sabíamos que o teto estava mal e que poderia cair” (FRANKLIN, 2011, p. 27).

A montanha estalou meia hora depois. Segundo Franklin, o chefe de operações mineiras, Carlos Pinilla, esclareceu que o barulho era um “ajuste normal da mina” mas foi imediatamente para a superfície e deixou o local de trabalho mais cedo do que o costume (2011, p. 27). Houve um segundo estalo e um terceiro, “terrível e inconfundível”. Pouco depois da uma hora, o desmoronamento começou e

camadas e mais camadas do túnel desabavam, como se fossem panquecas [...] Dez minutos após o primeiro colapso, a mina voltou a rugir. Um sinal breve e sucinto de que milhares de toneladas de pedra e terra tinham novamente se movimentado [...] Por volta das quatro da tarde, a mina estava completamente desmoronada (FRANKLIN, 2011, p. 30-34).

A trilha sonora de um tenso tango sugere o movimento dialético do documentário *Sobreviviendo a la minería en Chile* que, como dito, estabelece a relação entre agentes e vítimas. Ele estabelece também, como García Márquez, a culpa coletiva por inação ou, mais além, a cumplicidade entre o governo e os interesses associados dos detentores do capital e dos meios de produção. Imagens de arquivo trazem ao vivo as palavras insinceras de um dos proprietários da mina, Alejandro Bohn, por ocasião do desabamento: a profunda consternação da companhia, a afirmação categórica de que as condições de mineração são seguras, de que são honestos e que foram os trabalhadores que não seguiram os procedimentos de colocar as malhas. A contradição pelo mineiro Arnaldo Avilés é simples, direta e contundente – “*Bohn es un canalla*” (SOBREVIVIENDO, [2011]).

O escamoteamento da responsabilidade da mineradora, culpabilizando os mineiros pelos acidentes no trabalho, constitui uma marca do discurso de Bohn. Ao ser interpelado sobre o acidente que cortara a perna de Gino Cortés, ele culpou os mineiros “por não substituírem uma rede de segurança desenhada para conter pedras que caíam do teto. E depois disse: “Infelizmente é o mesmo turno que está agora preso dentro da mina” (FRANKLIN, 2011, p. 198-199).

O uso cínico da estratégia de culpabilização remonta ao ano de 2001. É o que novamente se depreende do significativo depoimento de um dos mineiros, Iván Toro, vítima de um acidente do trabalho enquanto ele aguardava, assentado, um caminhão para levá-lo ao topo da montanha, quando, de repente, um pedaço de pedra caiu: “Eu fui o mais afetado, pois [a pedra] caiu bem em cima da minha perna. Havia apenas alguns tendões intactos, e tiveram de amputá-la” (FRANKLIN,

2011, p. 44). A justificativa da empresa, segundo Franklin, de recusa inicial de pagar a Toro a devida indenização, é que ele estava sentado no local de trabalho (2011, p. 44).

Duas semanas após o fatal desmoronamento de 2010, persistia nos pronunciamentos públicos de Bohn a negação sistemática das advertências e da responsabilidade por parte da mineradora:

Nós nunca tivemos qualquer aviso sobre este tipo de catástrofe. Os trabalhadores estavam treinados e tinham equipamentos de segurança, e assim poderiam lidar com acontecimentos desta natureza, com toda a proteção necessária [...] As investigações devem avançar para vermos se algo poderia ter sido feito de antemão (FRANKLIN, 2011, p. 138).

O conflito nas relações de trabalho no documentário *Sobreviviendo a la minería* prossegue na justaposição de depoimentos de Álvaro Merino, da SONAMI, que representa os interesses empresariais associados, e de Javier Castillo, sindicalista da Conferederação Mineira do Chile, que expõe a tragédia daqueles trabalhadores que fazem o país funcionar. São muitas as evasivas nos depoimentos de Merino, que alega que o acidente foi um caso excepcional ou, quando interpelado sobre os 433 mineiros mortos na última década no Chile, tangencialmente declara que esse tema é de outro nível. Castillo fala da história de mortes na Companhia San Esteban que motivou sua representação na Câmara, lamentando, todavia, que a legislação trabalhista no Chile proteja os interesses empresariais. Avilés sintetiza a fragilidade do sindicato no país, onde apenas 13% dos trabalhadores são sindicalizados em suas empresas e onde não existe um movimento sindical único de trabalhadores.

A investigação do Congresso constatou que a mina San José nunca teve uma saída de emergência, descumprindo as leis chilenas que exigem que as minas tenham, além da saída normal, para uso diário, uma outra, separada, de emergência. As leis exigem, também, que as chaminés, além da função de fornecer oxigênio, tenham uma escada de fuga que constitui uma segunda via de escape em caso de desmoronamento dos túneis; para tal, elas devem ter um círculo com equipamentos de segurança, escadas e luzes (FRANKLIN, 2011, p. 44). Castillo denunciara, durante anos, que a escada da San José estava decrépita e que a mina apresentava uma falha básica na segurança: “a segunda chaminé, além de não ter luzes, corria junto ao túnel principal, fazendo com que um único acidente destruísse simultaneamente as duas vias de escape” (FRANKLIN, 2011, p. 65). Castillo alertara também que a mina, assustadoramente perigosa, estava à beira de um colapso, enviando documentos a tribunais, políticos locais e donos de minas. Na sua batalha infrutífera, por mais de uma década, contra os proprietários da San José, ele ressaltara, também, o descuido do governo, mais especificamente, o serviço nacional de inspeção de minas, o Sernageomin. Um vídeo, feito em 2002 pelo sindicato dos mineiros, já chamara a atenção para práticas inseguras de trabalho e a probabilidade de desmoronamento da mina. Ele comprovou, também, através de documentos, que os donos da San José tinham sido avisados de que a mina era perigosamente frágil, pois já em 2003, a mina San Antonio, localizada na mesma montanha, sofrera um grande desabamento (FRANKLIN, 2011, p. 200).

A inação do governo, cujos funcionários de segurança haviam fechado a mina em 2007 e parte de 2008, mas inexplicavelmente a reabriram, é evidente nas palavras da recém-empossada Secretária do Trabalho de Piñera, Camila Merino: “Tínhamos indicações dos problemas de segurança e deveríamos ter agido antes (FRANKLIN, 2011, p. 199). Em junho de 2010, um bloco de pedra caiu, atingindo as costas de Jorge Galleguillos. A ACHS, Asociación Chilena de Seguridad, também alertou para os riscos iminentes de um novo desabamento: “Nós pedimos à empresa que estabilizasse a mina” (FRANKLIN, 2011, p. 198-200).

Uma síntese das profundas reestruturações trabalhistas no Chile, abaixo, contextualiza a contumaz inobservância, também por parte da empresa San Esteban, das leis chilenas de segurança no perigoso trabalho de mineração subterrânea. O desastre com os mineiros em 2010 reafirmou o que Winn anteriormente descrevera, com base em entrevistas extensas com os trabalhadores e seus líderes, como as faces humanas da adoção, pelo país, de uma forma extrema de neoliberalismo e de um modelo econômico voltado para a exportação como o motor da economia, com complexas consequências para os trabalhadores (2006, p. 5, 27).

Os trabalhadores em geral e suas organizações foram os principais alvos das leis trabalhistas do regime autoritário do General Pinochet que também esmagou os partidos políticos com eles alinhados e impôs uma reestruturação econômica neoliberal (DRAKE, 2006, p. x). Mais especificamente, o regime militar objetivou privatizar as minas de cobre enquanto a capacidade dos mineiros de defender seus direitos foi enfraquecida (KLUBOCK, 1998, p. 371)⁷.

A dura repressão política desvirtuou os esforços de coletivização dos mineiros, transformou as relações dos trabalhadores com os Sindicatos e abalou a coesão e coerência do seu movimento. Por outro lado, o desmantelamento das seguranças materiais que os mineiros tinham desfrutado desde a década de quarenta desestabilizou a comunidade mineira e criou fraturas na sua identidade de classe (KLUBOCK, 1998, p. 394-396). Mas, como ainda argumenta Klublock, em seu estudo sobre a solidariedade de classe e ativismo sindical dos mineiros no período 1973-2002 no Chile, eles ainda mantiveram um relativo ativismo político e exerceram um papel de destaque na oposição ao governo Pinochet, por exemplo, desafiando o regime autoritário em 1983 com a convocação de uma greve geral nas minas e realizando um protesto contra a ditadura militar; as mobilizações dos mineiros entre 1977 e 1983 constituem, segundo ele, evidência de que a ditadura não conseguiu erradicar, de imediato, a tradição de ativismo sindical e político que sobreviveram clandestinamente nas minas (1994, p. 209-210).

Na transição para a democracia, apesar de sua posição relativamente privilegiada durante a ditadura, os mineiros não lograram desafiar, de forma efetiva, o modelo econômico, nem que o novo governo atendesse às suas reivindicações por melhorias sociais e econômicas, nem tampouco fortalecer os sindicatos, pois o governo seguinte consolidou e ampliou as políticas neoliberais que Pinochet iniciara (WINN, 2006, p. 11), mantendo, também, as mesmas instituições políticas.

A pulverização dos Sindicatos encontra um correlato na liberalização do mercado de trabalho, pois eles podem pressionar os empreendedores a ceder às reivindicações dos trabalhadores, interferindo, assim, na funcionalidade do mercado ao elevar os custos trabalhistas (BLOCK, 2008, p. 99). O fracasso do Sindicato na reivindicação de melhoria das condições de segurança na mina San José reflete o seu crescente desempoderamento. Segundo Klubock, as profundas mudanças estruturais na década de 1990 foram transformando a natureza do trabalho e a vida comunitária dos mineiros, solapando as bases de sua identidade militante (1994, p. 210). A solidariedade e as redes políticas que constituíam as bases da marcante identidade de classe e ação coletiva dos mineiros foram desvirtuados por outros regimes de trabalho.

O impacto da precariedade no local de trabalho sobre a saúde psicológica dos indivíduos tem sido uma das preocupações dos especialistas. A precariedade, nesse caso, inclui o ambiente de trabalho, a segurança física, as oportunidades de contato interpessoal e o estresse no local de trabalho (BURCHELL, 1989, p. 229). Todos esses elementos convergem nos relatos dos mineiros coletados por Franklin. Segundo ele, Bohn dissera que as melhorias em segurança eram um “princípio sagrado na nossa empresa” (2011, p. 198). Há, todavia, um abismo entre o discurso e a realidade. O uniforme de trabalho na San José consiste em calça, camiseta, capacete e luz para a cabeça. Mas faz muito

calor no interior da mina (a temperatura constante é de 32°C) e os mineiros vivem no limite da desidratação, embora bebam três litros de água fresca por dia; muitos deles transpiram sem parar, carregando também 113 quilos de equipamento, trabalhando de bota e cueca – numa mina em cujo interior as pedras “eram tão afiadas que os mineiros sabiam que o simples roçar do corpo contra as paredes seria como passar uma lâmina sobre a pele” (FRANKLIN, 2011, p. 22-23, 45).

As plantas das áreas de trabalho eram imprecisas, a entrada mal cuidada, o tanque de oxigênio e a placa com os dizeres de segurança eram enferrujados, o tubo que servia para represar água era rachado; a pequena caixa de remédios, contendo medicamentos já há muito vencidos, era esfarrapada. Os mineiros tinham direito unicamente às necessidades básicas: capacete com lâmpada, água engarrafada, cuecas. Os 250 funcionários da San Esteban, ademais, não tinham cobertura para celulares, contavam com poucos equipamentos de segurança, sofriam acidentes e desmaiavam frequentemente (FRANKLIN, 2011, p. 21, 26-27, 93, 140).

Mas o sinal mais evidente de precariedade são pesados blocos de pedra que regularmente soltam do teto. Mutilações com dinamite, esmagamentos e desmembramentos fazem parte do cotidiano de uma comunidade acostumada às tragédias mineiras. Mas a taxa de acidentes na San José era 307% mais alta que a média da indústria. Um das estratégias utilizadas pela administração da mina, nesse contexto de precariedade, insegurança e perigo no trabalho, levados a extremos pela avidez por lucro, era atrair os mineiros necessitados com salários acima da média (FRANKLIN, 2011, p. 20, 198).

A reativação do capital político e da consciência e solidariedade de classe no refúgio

A seguir, com base nas colocações de Kublock, sugere-se que a chama da solidariedade de classe e o ativismo político dos mineiros foram reaccesos durante o seu confinamento no interior da mina San José. Os 33 conquistaram a simpatia e a solidariedade do mundo não como vítimas. O importante propulsor dessa solidariedade foi sua luta pela sobrevivência e criatividade organizacional em condições inimagináveis, como ressalta, com pertinência, Cesar Uco, do Comitê Internacional da IV Internacioanal (2010, n.p.).

Um exemplo significativo da “agency” dos mineiros e da reativação de seu capital político ocorreu quando a câmera foi enviada ao interior da mina. Tudo sugere que eles entraram em negociação com o Presidente: eles concordaram em fazer o vídeo para o governo mas, através de Urzúa (seu líder e, futuramente, o último a ser resgatado), expressaram sua condição a Piñera, que os liberasse daquele inferno.

A interferência do governo na produção de imagens veiculadas pela mídia fica clara nas palavras do Ministro da Saúde, Dr. Mañalich, “Tivemos de pedir a eles que não colocassem Florencio Ávalos na tela, mas, sim, o ‘artista [Sepúlveda]” (FRANKLIN, 2011, p. 141). Estrategicamente, a câmera foi então entregue a Ávalos. A realidade foi também, em parte, ocultada do vídeo de 9 minutos, com a primeira aparição dos mineiros na TV. O vídeo foi liberado pelo governo chileno para exibição em horário nobre:

O governo de Piñera queria mostrar ao mundo os mineiros como heróis, como troféus humanos que sublinhariam a inspiração do governo e seu espírito empreendedor. Mas essa estratégia de mídia requeria uma seleta e meticulosa edição [...] Imagens das infecções de fungos dos homens foram editadas. Cenas dos mineiros aos prantos nunca foram exibidas (FRANKLIN, 2011, p. 141).

Reivindicando a paternidade do esforço de resgate, oficiais do governo advertiram as famílias que a confirmação pública do contato com os mineiros teria que esperar até que o Presidente pudesse

ler, diante das câmeras de televisão, a primeira nota obtida das profundezas da mina, de que os 33 estavam vivos (UCO, 2010, n.p.). As autoridades do lado de fora dirigiam as mensagens aos mineiros que, na realidade, “transpareciam uma aura de trauma pesado”, até que Sepúlveda, com humor, realizou uma *performance* de animador de torcida e pediu a cada homem que enviasse palavras de esperança e agradecimento. Alguns dos mineiros enxugaram as lágrimas e sua vibração foi breve, mas suficiente para o vídeo resultar no que o próprio Franklin sugere ser uma heroificação dos mineiros na cobertura midiática (2011, p. 140-141).



Figura 1: A breve vibração dos mineiros soterrados para a imagem na mídia
Fonte: <<http://latimesblogs.latime.com/laplaza/2010/08/chile-miners-alcohol-drugs-pinera.html>>. Acesso em: 29 out. 2011.

É marcante o protagonismo do Presidente ao compartilhar o espaço de tela com a mensagem histórica de Ojeda, nas imagens que repetidamente circularam pela mídia mundial:

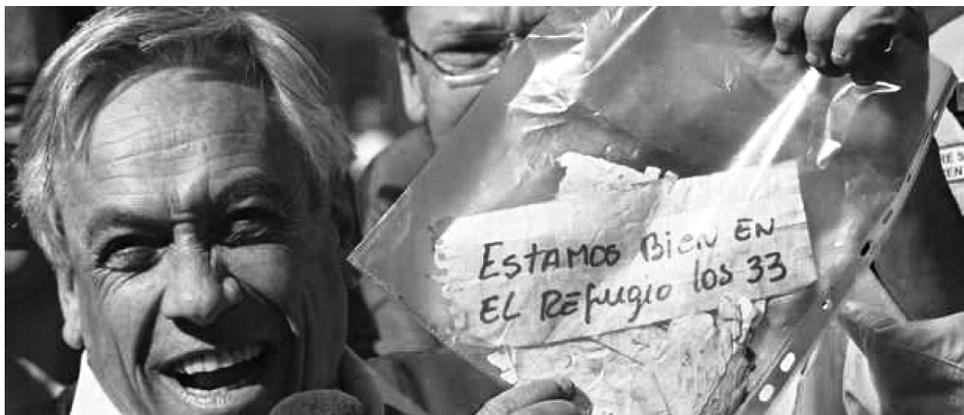


Figura 2: O presidente do Chile Sebastián Piñera segurando uma sacola plástica com mensagem dos mineiros presos em uma mina em desabamento. Fonte: http://www.cleveland.com/world/index.ssf/2010/08/chile_miners_are_alive_after_m.html. Acesso em: 29 out. 2011.

Uma equipe da NASA, especialista em comportamento humano em condições de vida extrema, mais especificamente, confinamento sob estresse, chegara ao Chile após ser contatada pela embaixada do Chile em Washington, e preveniu sobre a possibilidade de rebelião. A comunicação estabelecida revelou, pelo contrário, a “agency” e o espírito organizacional dos mineiros. Sugere-se que, de certa forma, eles recriaram uma coesão de classe e a cultura trabalhista entre eles. É o que se depreende do relato de Franklin sobre a divisão do trabalho que eles implementaram, em 3 turnos de 8 horas com 11 homens em cada. Eles também utilizaram suas habilidades mecânicas e elétricas para construir inventos essenciais à sua sobrevivência, reforçar paredes enfraquecidas, limpar dejetos, desviar a água que passava por onde dormiam bem como manter patrulhas de segurança para vigiar possíveis deslizamentos de pedras que poderiam se transformar em avalanche. Novas formas de distribuição de tarefas foram emergindo com os recursos que chegavam. Uns atuavam como *palomeros*, os que recebiam e enviavam as remessas pela *paloma*. Um outro liderava as orações, outros faziam a manutenção das linhas telefônicas, um outro media o nível de oxigênio (2011, p. 142-144). À medida que as necessidades básicas, como comida e local de dormir, foram resolvidas, outras funções começaram a surgir, como a de secretário, “médico” e “paramédico”, encarregados de vacinações, extrações de dentes, medições dos homens para dimensionar a capsula de resgate, etc. (FRANKLIN, 2011, p. 145-6).

A “agency” dos mineiros se manifesta também na sua recusa em aceitar a sua medicalização (não queriam ser tratados como doentes) e, sobretudo, sua infantilização, a censura da correspondência e rígidas restrições ao contato telefônico, sendo que eles imploravam para falar com seus familiares. A símile usada por Ojeda caracteriza o ressurgimento do clima de repressão política, talvez ainda presente na memória de muitos chilenos: “Isto é como uma prisão; eles censuram tudo” (FRANKLIN, 2011, p. 148).

Ávalos denuncia o rigor do psicólogo Iturra que “queria impor seus próprios termos sobre o grupo: “Não aceitamos aquilo [...] Nós éramos um grupo, para o bem e para o mal, éramos uma família” (FRANKLIN, 2011, p. 147). Temendo ataques de pânico ou violência coletiva, a equipe de Iturra policiava todas as cartas que seriam enviadas aos mineiros. Esses, por sua vez, não acreditavam que as cartas se atrasavam ou se perdiam. O mineiro Carlos Barrios começa a falar em greve quando percebe a adulteração nas cartas: “Algumas vezes adicionavam palavras, outras reescreviam as cartas [...] Reconheço a letra de minha avó [...] Pensaram que éramos ignorantes [...] Nunca nos entenderam” (Barrios, FRANKLIN, 2011, p. 148). Foi nesse contexto de censura que o espírito de greve ressurgiu entre os mineiros confinados: “Como bons mineiros, planejamos uma greve”. Se a censura não fosse interrompida, eles não receberiam a *paloma* e parariam de comer (FRANKLIN, 2011, p. 174).

O tom religioso dos depoimentos de Gómez em torno do trauma recebem outra inflexão quando ele saiu da capsula. Ele desmistifica a aura de heroísmo projetada pelo governo Piñera, dizendo ao Presidente que ninguém passou pelo que os mineiros passaram e que eles não são heróis, mas “*vítimas de ese sistema*” (LOS 33, 2011).

Os avatares da celebridade transitória de heróis traumatizados

A apresentadora Pilar Rodríguez conclui o documentário *Los 33: Con los pies en la tierra* enfatizando a solidão dos mineiros e a sensação amarga de estarem abandonados à própria sorte um ano após a tragédia e à medida que o impacto da fama foi ficando para trás. Sepúlveda apresenta um viés realista ao ponderar que o mundo acha que os sobreviventes estão nadando num “mar de prata”, o que não corresponde à dura realidade. O desemprego é o denominador comum à vida de quase todos eles. Sánchez confirma: “*Aquí en Copiapó no nos quieren dar trabajo*”, enquanto Edison Peña, por sua vez, contrasta a vida antes e depois do trauma e da heroificação: “*Pero a lo mejor estabamos mejor antes. Son cosas que uno dice*” (LOS 33, 2011).

Qual terá sido o impacto de uma situação trabalhista limite sobre a saúde psíquica e física dos mineiros? Letreiros nas cenas iniciais do documentário *Sobrevivendo a la minería en Chile* projetam na tela a informação de que as famílias dos 33 mineiros demandaram 12 milhões de dólares de indenização à empresa e apresentaram petição semelhante contra o Estado por má fiscalização. Mas, concluída a cobertura da *performance* do resgate e a celebridade efêmera dos mineiros, guardaram-se as câmeras e os microfones. Instalou-se um silêncio da mídia global quanto a suas perspectivas e indenizações trabalhistas e, presume-se, síndrome do estresse pós-traumático.

Chronicle of a foretold workers' tragedy: the Chilean miners

ABSTRACT:

As a counterpoint to the international media's emphasis on the rescue and its codification as a noble chapter in Chile's political history in 2010, this article analyses the miners' narratives on their survival strategies in a situation of extreme confinement, the processes of their post-traumatic memories and their professional perspectives one year after the accident in the workplace, contextualizing it within the country's adoption of a radical neoliberalism over the last decades. The main sources for the miners' testimonies are the book *The 33* (J. Franklin, 2011) and documentaries, mainly *Los 33: con los pies en la tierra* (J. Cabezas, 2011).

Keywords: Chilean miners. Accident in the workplace. Subjective narratives. Trauma and post-traumatic processes. Neoliberalism.

Notas explicativas

- * Professora Catedrática de Brazilian and Comparative Latin American Studies no Queen Mary College da Universidade de Londres.
- ¹ No original: "What is the connection between individual psychic trauma and cultural representations of the traumatic event? [...] What happens when a survivor's story is retold (and revised) by a writer who is not a survivor?"
- ² A primeira publicação do livro em língua inglesa foi em fevereiro de 2011, ou seja, quatro meses após o resgate. Várias outras sucederam, por outras editoras e também em *Kindle*, algumas das quais têm como título *33 Men: inside the miraculous survival and dramatic rescue of the Chilean miners*. A tradução, de autoria de Rodrigo Peixoto, foi publicada pela Editora Agir em outubro de 2011.
- ³ No livro *Os 33*, as citações *verbatim* são demarcadas pelas aspas ou, no caso de paráfrases, pelos marcadores do discurso indireto. Embora haja rigor também na sua atribuição de autoria das citações, a intertextualidade praticada por Franklin coloca em segundo plano a explicitação das diversas fontes primárias por ele utilizadas, ou seja, não só entrevistas, mas também vídeos e formas subjetivantes da escrita, como seus diários dentro da mina e mensagens enviadas aos parentes.
- ⁴ O editor declara: Mais de dois mil jornalistas correram para cobrir o drama que, apesar de ter despertado o interesse mundial, recebeu da imprensa um tratamento superficial no que diz respeito às linhas de frente do resgate e ao drama no subterrâneo [...] Jonathan Franklin foi uma exceção. Além de registrar e filmar toda a operação, falou com praticamente todos os mineiros soterrados e teve acesso exclusivo aos vídeos e diários feitos por alguns deles durante o confinamento – o que lhe permitiu reproduzir com riqueza de detalhes o cotidiano da tragédia [...] O resultado deste trabalho é *Os 33*, um relato edificante sobre resistência, fé, conflitos humanos e, acima de tudo, sobrevivência (FRANKLIN, 2011, n. p.).
- ⁵ Várias referências serão feitas, no decorrer do artigo, ao prefácio do livro, aqui abordado como "toda espécie de texto liminar..., autoral ou alográfico, que consiste em um discurso a propósito do texto que o segue ou antecede"

(GENETTE, 1987, p. 150), ou seja, uma finição, visto ser escrito após o texto e constituir a última palavra colocada no início (MITTERAND, 1980, p. 34), assinalando a entrada do livro no universo da circulação. Antoine Compagnon, entre outros, ressaltou o caráter paradoxal do prefácio de um livro, cujo “estranho destino [é] inverter o sentido da caminhada” (1982, p. 344).

- 6 Ao dedicar o livro à sua própria família, que não o viu durante a cobertura em si e o trabalho de rastreamento dos depoimentos dos mineiros para a produção do livro, Franklin implicitamente equipara a sua experiência como repórter e escritor à dos 33 que, após o longo período de ausência, “renascer” para a vida familiar, já no espaço público de circulação. Embora seu “desafio e jornada” não tenham sido tão duros quanto os dos mineiros, ele compartilha com eles a alegria de voltar para casa (FRANKLIN, 2011, p. 282).
- 7 Vale lembrar que o arquiteto do Código do Trabalho de 1979, central ao projeto do livre mercado no Chile (COLLINS; LEAR, 1994, p. 67), foi o irmão do Presidente, José Piñera, Ministro do Trabalho do General Pinochet no período 1978-1981. O Código, visando à maximização da flexibilidade dos empregadores, limitava as oportunidades de organização dos empregados, eliminava os líderes políticos e a interferência do governo em questões trabalhistas, pois as negociações seriam de alçada individual e do mercado (COLLINS; LEAR, 1994, p. 76).

Referências

- BLOCK, W. *Labor economics from a free market perspective: employing the unemployable*. Singapore: World Scientific Publishing, 2008. 393 p.
- BURCHELL, Brendan. The impact on individuals of precariousness in the United Kingdom labour market. In: RODGERS, Gerry; RODGERS, Janine (Ed.). *Prearious jobs in labour market regulation*. Geneva: International Institute for Labour Studies, 1989. p. 225-248. 301 p.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative, and history*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1996. 154 p.
- COLLINS, Joseph; LEAR, John. *Chile's free-market miracle: a second look*. Institute for Food and Development Policy/Food First Books, 1994. 336 p.
- COMPAGNON, Antoine. Le commencement du livre et la fin de l'écriture. In: *La seconde main*. Paris: Seuil, 1982, p. 341-346. 414 p.
- DRAKE, Paul. Foreword. In: WINN, Peter (Ed.). *Victims of the Chilean miracle: workers and neoliberalism in the Pinochet era, 1973-2002*. Durham and London: Duke University Press, 1994. p. ix-xv. 440 p.
- FRANKLIN, Jonathan. *Os 33: a milagrosa sobrevivência e o dramático resgate dos mineiros no Chile*. Trad. Rodrigo Peixoto. Rio de Janeiro: Agir, 2011. 288 p.
- GENETTE, G. L'instance préfacielle. In *Seuils*. Paris: Seuil, 1987, p. 150-181. 426 p.
- GIDDENS, Anthony. *A contemporary critique of historical materialism*. V. 2: *The nation-state and violence*. University of California Press, 1985. 294 p.
- IDT, Geneviève. Fonction rituelle du métalanguage dans les préfaces “hétérographes”. *Littérature*, Paris, n. 27, p. 65-74, 1977.
- KLUBOCK, Thomas Miller. Class community and neoliberalism in Chile: copper workers and the labor movement during the military regime and the restoration to democracy. In: WINN, Peter (Ed.). *Victims of the Chilean miracle: workers and neoliberalism in the Pinochet era, 1973-2002*. Durham and London: Duke University Press, 1994, p. 209-260. 440 p.
- _____. From welfare capitalism to the free market in Chile: gender and politics in the copper mines. In: JOSEPH, Gilbert M. et al. *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.-Latin American relations*. Durham and London: Duke University Press, 1998, p. 369-399. 528 p.
- KOFMAN', Sarah. *Paroles suffoquées*. Paris: Galilée, 1987. 93 p.

LOS 33 MINEROS rescatados en Chile: un año después. Radio Nederland International, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6Gvc-6wwhfg>>. Acesso em: 23 out. 2011.

LOS 33: Con los pies en la tierra. La vida después del rescate. Conducción de Pilar Rodríguez Birrell. Chile: Canal 13 SPA, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9X1A9EWRJZo>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=7CU3tzgr-2w>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=IpzeJSPWjtA>>; <http://www.youtube.com/watch?v=BjCG2C7U_v4>. Acesso em: 23 out. 2011.

MITTERAND, H. La préface et ses lois: avant-propos romantiques. In: *Le discours du roman*. Paris: Puf, 1980, p. 21-34. 266 p.

SOBREVIVIENDO a la minería en Chile. Telesur, [2011]. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LknATgoRslY>>. Acesso em: 23 out. 2011.

PRING-MILL, Robeert. “*Gracias a la vida*”: the power and poetry of song. London: Department of Hispanic Studies, Queen Mary and Westfield College, 1990.

TAL, Kalí. *Worlds of hurt: reading the literatures of trauma*. New York: Cambridge University Press, 1996. 316 p.

UCO, Cesar. Mineros atrapados en Chile: victimas de la sed por ganancias. World Socialist Web Site. 10 Septiembre 2010.n.p. Disponível em: <http://www.wsws.org/es/articles/2010/sep2010/spa1-s10.shtml>. Acesso em: 24 out. 2011.

WERNESSE, Hope B. *The Continuum encyclopedia of animal symbolism in art*. New York: The Continuum International Publishing Group Inc., 2003. 476 p.

WINN, Peter. Introduction. In: WINN, Peter (Ed.). *Victims of the Chilean miracle: workers and neoliberalism in the Pinochet era, 1973-2002*. Durham and London: Duke University Press, 1994. p. 1-13.

ZINS, Céline. Le traducter et la fonction du double. In: *Assises de la traduction littéraire, 1*, 1984. Arles: Actes Sud/Atlas, 1985, p. 34-59.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 9 de janeiro de 2012